IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE
III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia
26 a 29 de outubro de 2009 - PUCPR

PAULO FREIRE E EDUCAÇÃO PARA A PAZ: O MESMO SENTIDO

SALLES FILHO, Nei Alberto – NEP/UEPG/PR
neisallesfilho@uol.com.br

Área Temática: Violência na Escola
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

O presente trabalho discute aspectos da Educação para a Paz relacionando com o pensamento educacional de Paulo Freire. Encontramos, no pensamento freireano, possibilidades de problematizar e ampliar a estruturação do campo da Educação para a Paz que, precisa, especialmente no Brasil, aprofundar em questões conceituais e metodológicas como contribuição ao trabalho docente. O artigo examina as possibilidades desse complemento entre Educação para a Paz e pensamento freireano, ainda que de maneira inicial, já que a complexidade da antropologia de Paulo Freire é de inesgotável contribuição para a Educação. Mesmo assim as marcas conceituais paz, conflitos e convivências, são condutores da reflexão O próprio título do trabalho reflete essa busca, pois, na medida em que aprofundamos no universo de Paulo Freire, encontramos grande parte da discussão conceitual da Educação para a Paz, por isso dizemos "o mesmo sentido". O artigo é resultado da pesquisa e do desenvolvimento das ações do Núcleo de Estudos e Formação de Professores em Educação para a Paz e Convivências (NEP) da Universidade Estadual de Ponta Grossa, que tem como objetivo contribuir na sistematização da Educação para a Paz, tanto nos aspectos teóricos como nas práticas pedagógicas no contexto escolar, com o foco mais relacionado à formação continuada de professores, na perspectiva da prevenção de violências na escola. Portanto, encontramos em Freire, importantes fundamentos para o trabalho da Educação para a Paz.

Palavras-chave: Educação para a Paz; Paulo Freire; Convivências escolares.

Um contexto complexo: vida, educação e professores

"Sem bater fisicamente no educando, o professor pode golpeá-lo, impor-lhe desgostos e prejudicá-lo no processo de sua aprendizagem" (FREIRE, 1996, p.138). Esta frase de Paulo Freire é uma das provocações iniciais para o trabalho com a Educação para a Paz. Mas de qual Educação para a Paz estamos falando? Uma Educação para a Paz que seja entendida na diversidade e complexidade. Uma paz percebida no contexto da mediação de conflitos, prevenção de violências, direitos humanos e das injustiças sociais. Especialmente, uma paz provocativa da visão ecológica e abordagem holística, que explicite aspectos dos valores humanos, relações interpessoais e a construção de novas formas de convivências escolares.

Paz sintetizada na idéia das mãos dadas por sobre as diferenças, como caminho necessário à sobrevivência e desenvolvimento humano.

Nesse sentido, uma paz em perspectiva conceitual e que seja pensada pedagogicamente, com metodologias adequadas para o cotidiano escolar, dando visibilidade à temática das violências na escola. Portanto, a possibilidade da construção de uma Educação para a Paz, alternativa na escola, como tema gerador ou transversal e na perspectiva de pedagogia de projetos, refletidas junto à gestão escolar. Enfim, uma Educação para a Paz que privilegie no ato de aprender as experiências vivenciais, de convivências, de cultivo de valores capazes de provocar autoconhecimento como necessidade para a vida coletiva. Se reconhecermos muitos estudos científicos atuais, o "conhecer" se dá em simultaneidade nas dimensões cerebrais, espirituais, históricas, culturais e políticas do ser humano.

O que vivemos, em vários sentidos, dá as bases para nosso conhecimento. Amor e dor, alegria a tristeza, visões sobre o homem e a sociedade, crenças e modos de viver a vida privada, entre coerências e incoerências, motivos e medos, frustrações e vontades, enfim, várias sensações e percepções de nossa vida condicionam a qualidade e possibilidade do nosso conhecer.

Assim, em tempos onde a pesquisa e produção de conhecimento buscam caminhos sólidos e a ampliação de indicadores elaborados, para entender e intervir de maneira qualificada nos contextos, através de instrumentos de coleta de dados e o cuidado com sua interpretação, as questões relativas à paz, Cultura de Paz e Educação para a Paz, ainda trazem certa desconfiança de sua contribuição em relação às violências nas escolas. Além disso, a aproximação entre a pesquisa acadêmica e o cotidiano escolar também passa por momentos de redefinição entre o que "deve ser" e o que "pode ser", ou seja, a construção de práticas pedagógicas surgidas do fazer escolar refletido, mediado pelo discurso teórico e com utilização responsável da massa de dados disponível.

Em relação à Educação para a Paz, existe uma reflexão encaminhada a por Guimarães, quando diz que a Educação para a Paz, nas últimas décadas, aprofunda-se na tentativa de construção teórica e busca afastar-se do modismo e senso comum dizendo que "necessita ser estudada, conhecida, debatida, para que as propostas de educação para a paz, em terras brasileiras, ganhem fôlego e sustentação" (2005, p.320).

Não aprofundaremos nas questões conceituais da Educação para a Paz, mas basicamente entendemos como Jares (2002), que a paz é o contrário de violência e que

"qualquer análise da paz deveria estar vinculada a uma análise da violência" (GALTUNG, 1985 *apud* JARES, 2002, p.124). Sobre a violência, vale destacar que ela se desdobra em diferentes tipos: violência coletiva, com membros de grupos; violência institucional ou estatal, legitimadas no poder; violência estrutural, expressa nas desigualdades; violência cultural, relacionada às etnias, questões ambientais e a violência individual, não organizada, pessoal e direta que ocorre de forma interpessoal (GALTUNG, 1995 *apud* CIIIP, 2002).

Outros aspectos relevantes da Educação para a Paz são tratados por Jares como: a paz afeta diretamente a vida do ser humano; a paz se caracteriza pela ausência de violências e pela presença da justiça e igualdade; a paz está nos níveis interpessoal, intergrupal, nacional e internacional; a paz é um processo dinâmico. Neste caminho aponta para uma idéia chave quando diz que a "paz nega a violência, não os conflitos, que fazem parte da vida." (JARES, 2002, p.132). Além disso, complementa dizendo que o conflito é uma das características definidoras da escola, por toda a sua pluralidade e que, portanto, a grande chave está no exercício e na resolução não-violenta dos conflitos. Logo uma Educação para a Paz está no entendimento das violências, na busca da compreensão das mesmas, na clareza dos conflitos geradores e com o processo pedagógico de mediação destes, culminando com a não-violência ou dito de outra forma, com convivências pacíficas.

Observando a complexidade destas questões na prática profissional do professor, a Educação para a Paz tem emergido como alternativa eficaz e significativa para o fortalecimento de paradigmas emergentes que se contraponham à violência e apontem para o ser integral. Na perspectiva de Passos:

> As diversas experiências, tanto na educação formal como não-formal, sob os mais diversos títulos: educação para a paz, investigação para a paz, educação mundial, educação para a tolerância, educação para o desarmamento, educação para a não-violência. Sob essas diversas denominações, há um núcleo comum de preocupações que incluem resolução de conflitos, cooperação e interdependência, consciência global, responsabilidade social e ecológica, tais como: criar referenciais não-violentos e fortalecer conexões comunitárias; formar consenso para a paz; fortalecer pessoas para serem ativistas da não-violência; abolir preconceitos e esteriótipos; instrumentalizar para a resolução não-violenta dos conflitos; diminuir o potencial de agressão; criar aversão à violência, com atitudes antimilitaristas e de rejeição à violência (*apud* CABEZUDO; GADOTTI; PADILHA, 2004, p.59).

Como estabelece a autora, são diversas as perspectivas possíveis na dimensão das convivências nas escolas. É necessário compreender que a convivência, reafirmada nos

estudos de Jares (2008) tem o significado de viver tendo como base certas relações sociais e valores, que são subjetivos. Para o autor, isso acontece dentro dos diferentes contextos sociais que acabam, inevitavelmente, cruzados por conflitos, justamente pela marca da diversidade. Assim, o binômio convivência e conflito é inerente às sociedades e ao seres humanos.

Considerando que os conflitos não resolvidos estão na base das múltiplas formas da violência, desde a violência contra as crianças e mulheres, até nos confrontos bélicos entre nações, a Educação para a Paz, pode ser observada como "o espaço onde as pessoas "desinventam a violência", firmam-se como militantes pacifistas e de direitos humanos" (PASSOS *apud* CABEZUDO; GADOTTI; PADILHA, 2004, p.60), e, ainda, como aspectos fundamentais:

> Paz de aprende, paz se constrói a partir da não-violência, num processo dialógico-conflitivo, onde, o diálogo o resgate e devolução do direito à palavra, a criação de espaços coletivos de discussão, a sadia busca de dissenso e da diferença revelam-se como elementos importantes (PASSOS *apud*, CABEZUDO; GADOTTI; PADILHA, 2004, p.60).

A Educação para a Paz apresenta, de início, uma necessidade de olhar complexo sobre o mundo, a vida e sobre ela mesma. Por outro lado, ela se faz no processo dialógico e nas múltiplas perspectivas de conflitos e convivências. Na escola esse processo é fundamentalmente ligado ao docente, na sua relação com valores próprios e institucionais, suas idéias e vivências em relação a violências, paz, conflitos e convivências. Isto é observado por Tardif, que ao falar sobre a profissionalização docente explicita:

> O conhecimento profissional possui também dimensões éticas (valores, senso comum, saberes cotidianos, julgamento prático, interesses sociais etc) inerentes à prática profissional, especialmente quando esta se aplica a seres humanos: pacientes, prisioneiros, alunos, usuários dos serviços sociais etc. Essas mudanças na visão da perícia profissional, suscitaram controvérsias a respeito do valor dos fundamentos epistemológicos das práticas profissionais (2000, p. 13).

Nesse caso, a observação de Tardif refere-se à necessária e inevitável aproximação entre o modo de vida e a práticas profissionais. Na dimensão da educação, abre-se a questão

de que os valores, interesses e saberes dos professores são fundamentais para orientarem as práticas profissionais, até com certa força e determinação sobre as questões epistemológicas de sua área específica de formação.

Embora este posicionamento seja aparentemente óbvio, temos que reconhecer que existe um "currículo oculto", ou seja, um distanciamento da discussão destas questões na formação profissional. Como aponta Tardif "a crise do profissionalismo é, em última instância, a crise da ética profissional, isto é, dos valores que deveriam guiar os profissionais" (2000, p.9). Portanto, quais seriam ou serão esses valores para guiar a vida profissional? Estes valores seriam ou são muito distantes dos valores da vida privada e pessoal do professor?

De início temos que considerar que na formação profissional é fundamental explicitar a discussão sobre valores, pois estão na base das escolhas e opções realizadas pelos professores, que transitam entre crenças pessoais e conhecimentos profissionais. Ora, se os valores pessoais, orientam em grande medida os professores, e, se os valores pessoais não são discutidos, podemos dizer que a formação do professor mesmo considerando os aspectos teóricos, técnicos e instrumentais é, de certa forma, limitada na dimensão integral da profissionalização.

Aprofundando nesse sentido podemos dizer que mesmo que se considere, na formação profissional, discussões com caráter social ampliado, ainda assim, há que se pensar até que ponto, no bojo da discussão valores pessoais mais interiores são realmente explicitados nessas circunstâncias. Um exemplo comum disso acontece em cursos para professores, onde se fala sobre a importância de ensinar com responsabilidade, respeito, entre outros valores e, muitas vezes, nos mesmos cursos, os professores (como alunos no momento) chegam atrasados, não cumprem tarefas mínimas, demonstrando total falta de ligação com o coletivo, embora mantenham um discurso elaborado sobre a educação.

Isso, no limite é discutido por Tardif quando diz que:

> Nos últimos trinta anos, observa-se que a maioria dos setores sociais onde atuam profissionais tem sido permeada por conflitos de valores para os quais torna-se cada vez mais difícil achar ou inventar princípios reguladores e consensuais. Esses conflitos de valores parecem ainda mais graves nas profissões cujos "objetos de trabalho" são seres humanos, como é o caso do magistério. Valores como a saúde, a justiça e a igualdade perderam a sua transparência, seu poder de evidência e sua força de integração. Para os profissionais, essa situação se expressa por meio de uma complexificação crescente do discernimento e da atividade profissionais: se os valores que devem guiar o agir profissional não são mais evidentes, então a prática profissional supõe uma reflexão sobre os fins almejados em oposição ao pensamento

> tecnoprofissional situado apenas no âmbito dos meios. A reflexão sobre a ética profissional cessa de existir como um discurso que é exterior à prática e que domina a ação: ela reside doravante no próprio cerne do discernimento profissional a ser exercido na prática cotidiana e co-constitui essa prática (2000, p.9).

Caminhamos na direção de pensar que vida pessoal e profissional tem uma relação inerente e complementar. Muitas das ações, desdobramentos e tomadas de decisão profissional, são assentadas em dimensões particulares e intencionalmente particulares do profissional. Ao optar por um tipo de trabalho ou por uma determinada forma de desenvolver seu trabalho, o professor traz com essa decisão todo um conjunto de desdobramentos, como por exemplo: se ele opta por desenvolver um projeto pedagógico escolar com seus alunos, ele tem um ritual de trabalho coletivo, de interação, planejamento comum, discussão e debates. Já se a opção for por encaminhar sua estratégia de maneira mais individualizada, os rituais serão menos dialogados, mais particulares e com menor envolvimento coletivo. Logo, como diz Tardif, os saberes profissionais dos professores são variados e heterogêneos na medida em que têm origens epistemológicas em diferentes áreas do conhecimento.

Porém, no cotidiano escolar, existem questões que são comuns a todos os educadores. Uma delas é a convivência escolar, já que a escola é, hoje, permeada por violências em todos os sentidos: violência estrutural, violência direta, violência simbólica, entre outras. Por isso, é fundamental o entendimento de que:

> A cultura da paz se constitui dos valores, atitudes e comportamentos que refletem o respeito à vida, à pessoa humana e à sua dignidade, aos direitos humanos, entendidos em seu conjunto, interdependentes e indissociáveis. Viver em uma cultura de paz significa repudiar todas as formas de violência, especialmente a cotidiana, e promover os princípios da liberdade, justiça, solidariedade e tolerância, bem como estimular e compreensão entre os povos e as pessoas (UNESCO *apud* MILANI, 2003, p.36).

A questão fundamental e que constitui o cerne da construção da Educação para a Paz, é como os professores percebem internamente e em suas vidas, as perspectivas apontadas acima pela Unesco, ou ainda, toda a reflexão sobre a paz, especialmente desde a metade do século XX, pelos organismos internacionais, na academia, nos movimentos sociais, práticas orientalistas, diálogos inter-religiosos, entre tantos espaços.

A paz é tema corrente e presente na vida, seja explicitada por ela mesma, ou em oposição às violências. A idéia de paz como harmonia e serenidade foi ampliada (sem prescindir de ambas) para a questão mais protagonista do ser humano em face às misérias e desigualdades entre pessoas e nações. Como isso chega, ou, será que isso tem feito parte das reflexões na formação do professor, em sentido ampliado, observando sua própria vida?

Para estabelecer um quadro reflexivo mais adequado para tais questões, buscamos em Freire referências fundamentais, pois trata a vida, a educação e educadoras e educadores numa relação estreita e com a urgência da transformação.

Paulo Freire e a relação umbilical com a Educação para a Paz

Estudar, analisar, compreender e viver aspectos da vida e pensamento de Paulo Freire é tarefa que requer disposição e, especialmente, um processo de revisão sobre nossa própria postura como ser no mundo. Palavras ditas e escritas por Freire povoam discursos educacionais, que vão desde frases usadas por aprendizes de professor até por engajados militantes de movimentos sociais. Ambientalistas, minorias, gestores públicos da educação, intelectuais, pessoas sem escolarização, enfim, muitos encontram em Paulo Freire caminhos reflexivos, afirmando ou discutindo e discordando de seu pensamento.

No Núcleo de Estudos e Formação de Professores em Educação para a Paz e Convivência, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR (NEP/UEPG), optamos, pelo próprio caminho das discussões sobre diversidade, conflito, diálogo, relações humanas e transformação social, aprofundar na relação do pensamento freireano com a Educação para a Paz. Um primeiro aspecto dessa aproximação é pela própria história de teoria de Freire, que é apresentada por Ana Maria Freire, explicando como se essa origem:

> Paulo escutou o povo. Paulo praticou a reflexão. Para compor sua teoria do conhecimento, Paulo partiu de suas próprias experiências, associou sua razão lúcida com suas qualidades pessoais que provocava sua inteligência, interpretou cuidadosamente o contexto histórico brasileiro, estudou exaustivamente obras de educadores e filósofos. Assim, dos velhos conhecimentos criou um novo revolucionário porque viveu com o povo. Sofreu com ele. Jamais partiu de idéias abstratas, tiradas do bolso do colete ou da gaveta da escrivaninha. Escutar o outro, escutar o povo não é só ouvir os sons emitidos. É ouvir a voz de dor e das necessidades, recolhê-la, entendê-la, comparti-la e devolvê-la, sistematizada pela reflexão rigorosa e dialeticamente comprometida, ao povo. É ouvir, sentir, sofrer junto, entender, pensar e apresentar soluções de superação. Nunca prescrições,

> receitas ou "pacotes" prontos. Em suma, foi da dialética escutar x refletir x engajar-se, ou em outras palavras, da prática-teoria-prática que Paulo criou sua teoria pedagógica-política (2001, p.147).

O aspecto inicial que destacamos e tomamos como exemplo em Freire é própria trajetória na construção do seu pensamento educacional. Assim, a construção adequada de uma Educação para a Paz, requer um processo de estudo rigoroso e ao mesmo tempo abertura para ouvir o mundo, a vida e a si mesmo. Por isso, o NEP/UEPG concentra o trabalho da Educação para a Paz na formação continuada de professores, onde as questões do cotidiano escolar estão sempre presentes de forma marcante, com toda intensidade da vida do professor.

As violências e convivências cotidianas nos oferecem diretamente a ação do professor em relação aos procedimentos que adota. Essa ação, tratada no NEP/UEPG pela reflexão teórica e pela explicitação dos valores pessoais pensados à luz de práticas pedagógicas, fazem com que o professor retorne para sua ação e que efetive alternativas para convivências não-violentas, mais humanas e pacíficas. O pressuposto da dialogicidade é fundamental, assim como os argumentos presentes em Freire como a consciência do inacabamento e, com isso, a história aberta para construção.

Nessa aproximação encontramos aspectos muito especiais da história de Paulo Freire que reforçam nossa opção:

> Não foi por acaso nem por motivos outros, que Paulo foi indicado para o Prêmio Nobel da Paz, em 1993. Foi por esta sua postura de coerência impregnada de generosidade, mansidão e respeito diante das diferenças étnicas, religiosas, políticas; por sua tolerância autêntica diante das diversidades de posturas e leituras de mundos culturais dos homens e mulheres no mundo; por seu comportamento de cuidado ético com as vidas; por sua luta incessante pela Paz através da sua compreensão de educação para a autonomia e libertação (FREIRE, 2006, p.388).

Outra vez o pensamento freireano traz aspectos necessários entre utopia e possibilidades concretas, na medida em que coloca homens e mulheres como protagonistas na construção de suas próprias histórias. Isso nos faz acreditar que uma Cultura de Não-violência ou Cultura de Paz, e ainda, uma Educação para a Paz, sejam questões viáveis de construção, e não apenas discurso vazio, ou oportunista, ou da "moda". Outra contribuição nesse sentido é apresentada por Ana Maria Freire:

> [...] para Paulo a Paz não é um dado dado, um fato intrinsecamente humano comum a todos os povos, de quaisquer culturas. Precisamos desde a mais tenra idade formar as crianças na "Cultura da Paz", que necessita desvelar e não esconder, com criticidade ética, as práticas sociais injustas, incentivando a colaboração, a tolerância com o diferente, o espírito de justiça e da solidariedade (2006, p.391).

Compartilhando da afirmação, apontamos para uma das principais questões da discussão pedagógica da paz, que é sua estreita relação com o olhar crítico e profundo do tema. A paz não é uma condição natural, assim como não é a violência, ambas são processuais e construídas. Sendo assim, parece aceitável que se explicite um corpo de conhecimento que pense a paz, na educação e na formação de professores, como um conjunto de saberes, práticas e experiências passíveis de reflexão, análise e sistematização. Ainda nesse caminho, Freire diz, ao receber o Prêmio UNESCO da Educação para a Paz, no ano de 1986:

> De anônimas gentes, sofridas gentes, exploradas gentes aprendi sobretudo que a Paz é fundamental, indispensável, mas que a Paz implica lutar por ela. A Paz se cria, se constrói na e pela superação de realidades sociais perversas. A Paz se cria, se constrói na construção incessante da justiça social. Por isso, não creio em nenhum esforço chamado de educação para a Paz que, em lugar de desvelar o mundo das injustiças o torna opaco e tenda a miopizar as suas vítimas (*apud* FREIRE, 2006, p.388).

Esta afirmação de Paulo Freire serve como o principal traço definidor de um trabalho na área de Educação para a Paz, que não deve limitar-se a abordagens reducionistas de qualquer ordem, seja ao considerar discussão sobre valores como ingênuas ou, ao se normatizar excessivamente a discussão em temas fechados como olhar apenas estatisticamente sobre as drogas ou violência doméstica, sem considerar contextos de vida e educação. Insistimos que mesmo ao não tendo escritos específicos sobre a paz, Paulo Freire, através de seu pensamento pedagógico aponta para inúmeros e diferentes aspectos relacionados ao campo que se desenvolve em torno da Educação para a Paz.

Reafirmamos que muitos aspectos da subjetividade relacionados às convivências humanas que são evidenciados pelos programas de valores humanos em educação, por exemplo, podem ser entendidos como limitados, se observados isoladamente. Discussões sociológicas e filosóficas sobre violências e paz, podem contribuir com olhares sobre o

mundo e a sociedade, mas podem ser limitadas se não fizerem parte dela a dimensão da afetividade e das motivações pessoais intrínsecas ao ser humano.

A paz em si, não é a grande transcendência do ser humano, mas sim, é o caminho para relações humanas mais reais e qualificadas, mais éticas, solidárias, questionadoras, críticas, criativas, amorosas, entre tantas possibilidades. Resumindo, o caminho na busca pela paz é que se constitui na transcendência. Uma Educação para a Paz, através da perspectiva dos conflitos mediados e nas convivências não-violentas é, em si mesmo, a grande mudança que se espera, para que junto dela os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento possam ser aprendidos, entendidos e utilizados para a preservação da vida e para o desenvolvimento humano sustentável. Nas palavras de Ana Maria Freire:

> A Paz é singular por natureza, atinge o mais autêntico e mais radical do ser humano, para concretizar o Ser-Mais, como queria Paulo, e por isso lutou toda a sua vida. A Paz nos faz rir e sentirmo-nos mais *gente*. A Paz vem embrenhada da capacidade de dar vivência à vida democrática, socialmente a ser vivida por todos e todas sob a égide da tolerância. A Paz tem como objetivo a existência plena dos seres em geral, e mais especialmente dos seres humanos, mesmo com seus sentimentos e ações contraditórias, nutridas em nós humanos, pelos nossos mais ancestrais traços de agressividade puramente animal. É branca como a tranqüilidade, é biófila. É a expressão maior da tolerância, da colaboração da cumplicidade entre os seres vivos, daqueles que querem viver melhor. (2006, p. 390)

As palavras de Ana Maria Freire, inspiradas no pensamento freireano, que provocam pensar a boniteza a inteireza do ser humano, com sua subjetividade e objetividade e também com suas contradições, aparecem redimensionadas nas reflexões sobre a Educação para a Paz. Ao falar sobre as necessidades e estratégias da abordagem da Cultura da Paz nas escolas, Milani ressalta que seriam fundamentais para escolas e educadores voltados à construção de realidades menos violentas:

> [...] afeto, respeito e diálogo; um ensino que incorpore a dimensão dos valores éticos e humanos; processos decisórios democráticos, com a efetiva participação dos alunos e de seus pais nos destinos da comunidade escolar; implementação de programas de capacitação continuada de professores; aproveitamento das oportunidades educativas para o aprendizado do respeito às diferenças e a resolução pacífica de conflitos; abandono de modelo vigente de competição e individualismo por outro, fundamentado na cooperação e no trabalho conjunto etc. (2003, p.39).

Logo, processos de desenvolvimento da Educação para a Paz, provocam mudanças, onde se percebe o ser humano mais pleno se sentido, como sustenta sempre Freire, em uma historicidade que se constrói na própria história, uma curiosidade que pode ser epistemológica, o desenvolvimento que se faz nas diferenças. Além disso, Paulo Freire sempre destaca a importância de ler e pensar o mundo para poder também dizer o mundo, ou seja, capacidade de autonomia pela capacidade de autoria de sua própria vida. Também um ser amoroso, político e produtor de cultura, interferindo sempre criadoramente nas suas condições concretas, na possibilidade de sua qualificação ou nas transformações necessárias para uma vida e mundo melhores.

Considerações finais

O que se aprende com Freire, que é umbilical à Educação para Paz, é a capacidade crítica e amorosa em relação à educação que nos permite reinventar conflitos, redimensionar as violências na escola, tratando-as pedagogicamente, analisando contextos, atores e desdobramentos.

Ao estabelecer os contextos e pessoas, perceber quais as formas mais adequadas de mediar e/ou resolver de maneira não-violenta os conflitos e promover uma Cultura de Paz, entendida no sentido da convivência na diversidade, no cuidado e auto-cuidado ecológico, na atenção aos direitos humanos e repúdio às injustiças sociais, em relações humanas e sociais mais resilientes, concretizando um projeto de educação que contribua para o desenvolvimento sustentável do planeta.

Como sintetiza Ana Maria Freire, ao indicar o fundamental do pensamento freireano:

> A Paz tem sua grande possibilidade de concretização através do diálogo freireano porque ele inscreveu na sua epistemologia crítica a intenção de atingí-la. O diálogo que busca o saber fazer a Paz na relação entre subjetividades entre si e *com* o mundo e a objetividade do mundo, isto é, entre os cidadãos e a possibilidade da convivência pacífica, é a que autentica este inédito-viável (2006,p.392).

Temos consciência do limite da análise encaminhada no presente texto, na tentativa de aprofundamento entre pensamento freireano e Educação para a Paz, pela via dos argumentos

mais explícitos do próprio Paulo Freire sobre a paz e a Educação para a Paz. Também temos clareza da multiplicidade de alternativas e olhares sobre os temas tratados de maneira geral no texto. Paulo Freire não é referência única neste caminho, até porque com ele aprendemos que a grande riqueza é no encontro das diferenças. Ao mesmo tempo as questões abordadas fazem parte significativa nas ações do cotidiano escolar, desenvolvidas pelo NEP/UEPG, no trabalho com a formação continuada de professores da educação básica, na aproximação com escolas e comunidades. Assim, o que aproxima fundamentos teóricos relacionados com o processo ação-reflexão-ação vai ao encontro da fala de Paulo Freire durante uma conferência na área de Direitos Humanos:

> A educação não podendo tudo, pode alguma coisa. Temos o dever, politicamente, de descobrir os espaços para a ação, de nos organizarmos nos espaços. Eu até uso, às vezes, uma linguagem que reconheço um pouco agressiva. Eu até diria da necessidade e da sabedoria que devemos ter para invadir os espaços (2001, p.100).

Por fim, sem absolutamente chegar ao fim, reconhecemos que nossos caminhos, com certezas provisórias, clareza do inacabamento e a história como caminho possível, são elementos que condicionam, mas não determinam, nossa autonomia de pensamento e ação, com a maior rigorosidade possível para o momento e com a amorosidade incondicional pelo "ser mais" na vida e na educação.

É importante que os conflitos sejam reconhecidos como oportunidades de crescimento através da diversidade e que sejam mediados através do diálogo. Da mesma forma, é necessário que as violências de toda a ordem sejam explicitadas, nunca escondidas, para efetivamente acreditarmos em democracia e direitos humanos de fato. Sobretudo, é fundamental que nosso olhar, as palavras, a escuta e o corpo todo viva em sintonia com a possibilidade de futuro da vida e do planeta. Reconhecemos a dificuldade de tantas questões frente às fragmentadas áreas especializadas nas quais atuamos. Por este motivo, supomos que a Educação para a Paz pode ser espaço alternativo e possível de síntese ou sincretismo, da maneira mais saudável, dos vários elementos e perspectivas relacionadas à paz e violências. Nesse caminho, estar abertos sempre ao espaço da contradição, que nas palavras de Paul Taylor:

> O próprio Freire era um homem de contradições, exatamente como sua pedagogia que é uma pedagogia de contradição. "Deixem-me viver minhas contradições", ele dizia. Portanto, provavelmente será inevitável que nós também tenhamos consciência de nossas contradições [...] (2003, p.58)

Sabendo que o caminho se faz sempre ao caminhar, mergulhamos em Paulo Freire! Com isso podemos sonhar com utopia, repensar nossa própria história como ser humano, como educadores e educadoras, reconhecer nosso protagonismo como seres históricos e inacabados, afirmar nossa indignação com as injustiças sejam nas favelas ou na política nacional, e, ao mesmo junto a isso, não perder a capacidade de demonstrar emoção com borboletas a voar entre as flores e com as crianças correndo, vivendo a aprendendo nas escolas. Como escreveu Moacir Gadotti, inspirado nas idéias de Freire "O universo não está lá fora. Está dentro de nós" (2000, p.62).

REFERÊNCIAS

CENTRO INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO E INFORMAÇÃO PARA A PAZ/UNIVERSIDADE PARA A PAZ DAS NAÇÕES UNIDAS. **O estado da paz e a evolução da violência na América Latina.** Tradução de Maria Dolores Prades. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

FREIRE, Ana Maria. Educação para a paz segundo Paulo Freire. **Revista Educação.** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUC/RS, ano XXIX, n.2, p.387-393, Maio/Agosto, 2006.

_____. Paulo Freire: esperança que liberta. In: STRECK, Danilo (org.) **Paulo Freire**: ética, utopia e educação, Petrópolis, RJ, Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. FREIRE, Paulo. Direitos humanos e educação libertadora. (Conferência de junho de 1988) In: FREIRE, Ana Maria (org.) **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

JARES, Xésus. **Educação para a paz**: sua teoria e sua prática. Porto Alegre: Artmed, 2002,
_____. **Pedagogia da convivência**. São Paulo: Editora Palas Athena, 2008.

MILANI, Feizi Masrour. Cultura de paz X violências: papel e desafios da escola. In: MILANI, F.M; JESUS, R.D.P (orgs.) **Cultura da Paz**: estratégias, mapas e bússolas. Salvador: INPAZ, 2003.

PASSOS, Sônia Maria. Porto Alegre: cidade educadora. In: CABEZUDO, A.; GADOTTI, M.; PADILHA, P. (orgs.) **Cidade Educadora**: princípios e experiências. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: ANPED, n. 13, p. 5-24, Janeiro/Abril, 2000.

TAYLOR, Paul. Que pedagogia para que liberdade? Um argumento freireano para uma pedagogia do carinho. In: LINHARES, C.; TRINDADE, M. **Compartilhando o mundo com Paulo Freire**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.